

PODCAST VEJA BEM

Transcrição do Podcast Veja Bem, t1e04

Abaixo, seguem as legendas utilizadas:

C = Professor Clóvis de Barros

F = Professor Carlos Ferrari

V = Vinheta

L = Locução

F: Tem gente que não se enxerga e continuava, muito empolgada: como pode uma pessoa desse tamanho usar essas roupas?

C: Então podemos dizer que a ética é a arte da convivência.

V: Veja Bem: o podcast semanal para pensar a vida com outros olhos. Com os professores Clóvis de Barros filho e Carlos Ferrari.

F: E chegamos a mais um programa... professor, hoje, que alegria estar de volta aqui, com um tema tão especial. É, talvez hoje ocupe nas rodas de bate-papo, de família, de botequim, no salão de beleza, um espaço maior que muitos temas tradicional. O brasileiro tem falado muito de ética, não é verdade, professor?

C: Meu querido Carlos! Que alegria! Olha nós de novo aqui! Veja Bem, nosso podcast semanal! Uma alegria particular hoje, porque vamos tratar de um tema que me é tão familiar, tão próximo, que é o tema da ética... então eu estou à tua disposição. Eu estou às ordens do nosso público e, mais que isso, a certeza de que um tema que há 30 anos era um tema exclusivo da Universidade, tornou-se o tema mais repetido no espaço público do nosso país... Quem sabe, do mundo todo! É sinal de que alguma coisa acontece, não é não, Carlos? Então, devolvo a bola pra você, não sem antes dar um grande abraço em todos aqueles que nos ouvem e são assíduos e fiéis. Valeu, gente!

F: Vamos ao tema de hoje, então? Os trocadilhos com gírias, ditos populares, sempre orbitaram os comportamentos preconceituosos que acabaram reforçando estereótipos. E isso dá um trabalhão depois para desconstruir. A gente vai ter um programa só sobre isso. Mas hoje nossa proposta é exatamente o inverso, ou seja, vamos pegar uma dessas palavrinhas e se utilizar dela para apresentar uma ideia. Vamos falar sobre o que seria, então, uma ética embaçada. Já tem um tempinho que eu cunhei a expressão e fiquei bem feliz quando o professor Clóvis topou conversar sobre essa temática em um dos nossos episódios semanais. Eu qualifico como uma ética embaçada todos aqueles posicionamentos super questionáveis que acabam fazendo com que condutas, tomadas de decisões, na maioria das vezes, sejam orientadas pelo

que se capta a partir do canal visual. Eu vou apresentar a vocês, mais adiante, uma série de exemplos acerca disso, mas, por hora é importante, primeiro, a gente “limpar a área”. Porque, vamos combinar, quando a gente fala de ética, tem de tudo: leituras equivocadas e por vezes até mal-intencionadas. Então, professor, quero te pedir primeiro que o senhor possa nos ajudar a compreender, de maneira mais ampla e concreta, que se pode entender por ética? Qual a definição para que nossos ouvintes, de fato, possam falar de ética com segurança, sem escorregar, sem receios?

C: Bom, Carlos, a tua inquietação é mais que pertinente. Eu começaria dizendo que a ética é uma tentativa, por parte de todas as pessoas que convivem em um determinado espaço, de encontrar soluções, de encontrar limites de comportamento individual que possam assegurar a convivência mais justa e mais harmoniosa no interior daquele espaço. Então você deve imaginar que todo e qualquer lugar aonde pessoas com alguma recorrência criam o hábito de interagir, dentro de certos limites, com certos propósitos, eu diria, a partir de certas condições materiais que se repitam, essas pessoas, necessariamente, refletem e pensam sobre o que cada uma daquelas pessoas que interagem podem fazer, sem prejudicar o coletivo e aquilo que elas não devem fazer, sob pena de causar, diria, muito desconforto, muita inconsistência na relação entre todos. Você deve imaginar que a gente deve tirar daí algumas consequências.

A primeira delas é a seguinte: não há uma única ética. Mas há ética. E é por isso que nós podemos falar da ética dos advogados, dos médicos, dos professores, de uma empresa específica, de uma cidade, de um país etc. Isso significa que são diferentes espaços de relação estruturados, onde as pessoas, sabendo que não dá pra cada um fazer aquilo que bem lhe aprouver no afã de obter as vantagens, satisfazer os desejos que são seus, estabelecem limites para proteger alguma coisa entendida como maior, que é a convivência justa e harmoniosa. Então poderíamos dizer que a ética é a arte da convivência. Ou, se você preferir, a inteligência compartilhada a serviço do aperfeiçoamento da convivência. Então, se você imaginar, Carlos, duas pessoas interagindo em um determinado espaço, havendo mais de uma pessoa, a ética já é muito provável. Pois duas pessoas interagiram e não dá pra cada uma fazer o tempo inteiro tudo o que quer, porque o risco de causar dano para a outra é grande. Dois estudantes que estão num determinado espaço da república, estudam fora de casa, em outra cidade, e um vira pro outro e pergunta: o que se eu fizer vai te incomodar? E aqui eu queria destacar junto ao ouvinte, que esse é o pontapé inicial de toda ética. Essa consideração do outro. Considerar o outro. Considerar a presença, a existência do outro. E considerar o outro, não como instrumento da própria vantagem, do próprio ganho, do próprio prazer, do próprio resultado, mas considerar o outro como alguém cuja vida vale tanto quanto a minha. O que, se eu fizer, vai te atrapalhar? Eu não quero te atrapalhar. Aí o outro diz: a gente

PODCAST VEJA BEM

tá aqui pra estudar e para aprender. Perceba que, quando você diz “aprender é o mais importante”, é óbvio que se trata de um valor, um valor de convivência. A partir daí, Carlos, aqueles dois vão discutir tudo aquilo que pode causar danos a esse valor; tudo aquilo que pode impedir a realização desse valor. Então são definidos princípios de conduta.

Ele diz: eu preciso de silêncio para estudar. Pronto. O silêncio é um princípio de conduta.

Já temos um valor, que é o aprendizado; agora temos um princípio de conduta, que é o silêncio. Agora, veja, eles não poderão ficar em silêncio 24 horas por dia. É preciso administrar esse silêncio. Então surge a norma: silêncio das 14h às 18h, por exemplo. Então temos o tripé completo da ética: o valor, o princípio e a norma: aprender, silêncio e das 14h às 18h.

Você percebe, Carlos, a importância da regra só é plenamente compreendida, se tivermos consciência do que ela está protegendo. E o que ela está protegendo é um valor ético de convivência que, no caso, é o valor do aprendizado. Então eu acho que, a partir daqui nós podemos entender que esses dois têm a ética daquela quitinete, porém imaginemos que eles decidam que barulho só dá pra fazer da meia-noite às 5h. Aí, provavelmente essa decisão não vá ser autorizada pelo condomínio, que já é um outro espaço, que também tem sua ética, seus valores e é possível que, no condomínio, o valor do repouso noturno seja um valor de primeira ordem. E aí, então, é claro, essa convivência no condomínio ela integre a convivência da quitinete e, portanto, é claro, as decisões tomadas na quitinete devem estar alinhadas com as decisões do condomínio que, por sua vez, estarão alinhadas às decisões do município, ou alguma comunidade de base, de bairro, enfim... E o município, por sua vez, estará alinhado ao estado, à federação... E você pode ir aumentando o tamanho do universo considerado, mas você, Carlos, não mudou o princípio. O princípio é o seguinte: pessoas não vivem sozinhas, pessoas interagem e as pessoas são responsáveis por diagnosticar o que há de importante, proteger e o método, a maneira de proteger princípios de conduta e normas. Eu espero que tenha ficado claro dessa maneira, pegando pela mão e, naturalmente, jogo a bola pra você, porque, a partir dessa definição de ética, nós podemos avançar na questão do embaçamento.

V: O Veja Bem é editado e conta com locução de profissionais cegos ou com baixa visão. Quer conhecer a rádio da organização nacional de cegos do Brasil e apoiar esse trabalho?

É só baixar o App da loja ONCB na sua loja Android ou IOS.

PODCAST VEJA BEM

Para apoiar e conhecer a organização, acesse o site:

www.oncb.org.br/doacao.

V: Rádio ONCB - Todas as vozes em um só rádio - O som de todas as vozes.

F: Pois é! Você viu esse episódio editado pelo time da ONCB, um abraço para toda equipe do time da rádio ONCB. E, como foi dito na vinheta, você pode contribuir com esse trabalho, entrando no link www.oncb.org.br/doacao, a ONCB, que é a única entidade de garantia e defesa de direito de pessoas cegas e com baixa visão do Brasil. Entra lá e participa, para que esse trabalho continue cada vez mais forte.

Embaçado demais...

Sei lá se essa gíria é nacional! Aqui, na grande São Paulo, ajuda a gente adjetivar um montão de coisa mal resolvida. Então, por exemplo, você pode se referir ao comportamento do chefe, ou mesmo daquela situação que nunca funciona na prática, ou aquele velho amigo que sempre se compromete a agitar o encontro da turma que se formou nos anos 90 e nunca cumpre sua promessa.

Aí se diz: o cara é embaçado demais! Ou: esse fluxo tá embaçado! Você já viu que tem um monte de possibilidades de recorrer ao tal adjetivo, a tal gíria. Certa vez, em meio a uma reunião de trabalho, eu testemunhei, perplexo, a pessoa que liderava a equipe, fazendo um comentário indignado sobre a vestimenta de uma das colaboradoras que não estava presente, o que é pior, né? Afirmava: tem gente que não se enxerga! E, empolgada, perguntava pra toda equipe: como pode uma criatura desse tamanho usar essas roupas? Deve agradecer a Deus por ainda trabalhar aqui.

É claro que tem gente que padece de senso estético! Mas na oportunidade me chamou a atenção, alguém que falava tanto de ética, colocar em xeque a competência de uma subordinada apenas pela relação peso x escolha de roupas. E aí existem outros tantos exemplos bem mais graves, esses tais exemplos configuram pra mim parte de uma ética embaçada. Aquele sujeito que define não atender o cliente pela aparência, a gestora ou gestor que define não validar a contratação apenas porque descobriu uma tatuagem, ou aquele líder religioso que deixa de abençoar alguém que está presente, logo que vê que, apesar da fé, aquele fiel manifesta uma orientação sexual estranha aos seus olhos. Professor, dá pra conceber o julgamento ético apenas com base no que se vê?

C: Veja, Carlos, outro dia eu tava apenas para compartilhar... Dessa sua preocupação... Eu tava na fila do caixa de um bar, aí, então, havia um conhecido

meu, oftalmologista, que encontrou uma outra pessoa que eu não conhecia... E essa pessoa, vendo que eu conhecia o oftalmologista, disse: tá vendo? Ele cuida da janela da alma... (Risos).

Eu olhei e perguntei: “Perdão, o que você está insinuando é que o cego não tem alma? Ou que a alma do cego não tem janela? Aí criou-se aquele mal-estar imenso. A pessoa foi embora, suponho, porque que eu não me aguentei, não é, Carlos? Eu não aguentei.

F: Bateu a bola pro gol, professor? Cruzou na área e chutou pro gol.

C: Pois é... se a ética dependesse do que a gente vê, evidentemente os cegos estariam excluídos da convivência. Talvez seja isso o que alguns pretendem, mas não é isso o que nós pretendemos, e não é isso que a maioria das pessoas pretende também, suponho. E, portanto, é evidente que a definição de padrões de convivência pode perfeitamente ser estabelecida a partir do que se ouve, do que se pensa, do que se deduz, do que se infere... Ora, na hora que a ética é reduzida à aspectos de visualidade, ou seja, na hora que escorregamos pra esse tal embaçamento a que você se refere, aí então, evidentemente, poderemos estar sugerindo que as pessoas que não têm, digamos, que não se enquadrem naquele padrão de normalidade sensorial que a sociedade tanto consagra, esses estão excluídos do debate a respeito de como devemos viver, conviver, agir e interagir... E isso, claro, não podemos aceitar, de jeito nenhum. Esse termo “embaçado”, além do que você falou, com muita pertinência, o termo “embaçado”, no mundo escolar, é usado para alguma coisa de difícil solução.

Um problema de física embaçado, é um problema de física de difícil solução. Usa-se uma alegoria, uma metáfora da visão, para um problema que é um problema de entendimento, que é um problema da razão... Ou seja, é como se a visão fosse condição sine qua non do entendimento, do conhecimento, do saber... Pelo menos para um bom seguimento da filosofia, a impressão sensorial garantida pela visão é fonte de erro e eu diria mais: mesmo para os empiristas, que consideram que toda ideia resulta de uma impressão, definindo essa impressão como contato imediato da sensorialidade do homem com o mundo, ainda assim você terá uma impressão quando se queima no fogão; você terá uma impressão quando ouve uma sinfônica, quando degusta uma iguaria, quando sente o aroma de uma flor... Portanto, perceba: seja lá uma corrente intelectualista que claramente desconfia da razão e, de certa maneira, opõe à busca da verdade, a dependência da impressão obviamente em condições magníficas para uma elevação da mente, para uma elevação espiritual, um agigantamento de repertório... E que o digam, evidentemente, todos aqueles irmãos deficientes visuais ganhadores de Prêmio Nobel, gente maravilhosa, incrível que, digamos, fez da sua cegueira o cenário ideal para a sua genialidade.

PODCAST VEJA BEM

F: E a gente tá chegando ao final de mais um programa, professor. Foi fantástico conversar sobre ética, refletir e trocar ideias! Espero que a gente possa contribuir para que, pensar a vida com outros olhos, signifique também pensar ética de maneira mais abrangente. Abrir os olhos para uma concepção ética que privilegie a convivência, como o senhor mesmo disse... compreendo que a ética é a arte da convivência... Eu me atrevo aqui a complementar: é o combustível principal, algo que dá vida à convivência... foi um prazer, professor! Até a semana que vem!

C: Querido, quem torna isso aqui feliz e auspicioso é obviamente você. Um grande abraço! Tamos juntos! E, se você gostou, estaremos sempre por aqui. Valeu!

F: Um abraço!

Esse conteúdo foi trazido até você por meio da parceria entre Espaço Ética e Social Soluções. Quer saber mais sobre cada um de nós? Visite os nossos sites:

www.espacoetica.com.br

www.socialsolucoes.com

